

**Fernanda de Oliveira
Lopes**

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Estudos Literários (PPGMEL) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho – RO. Pesquisadora na área de literatura latino-americana contemporânea, com foco em narrativas femininas, trauma e subjetividade. Orientada pelo Prof. Dr. Fernando Simplicio dos Santos.

O TRAUMA COMO ESTRUTURA DA NARRATIVA: A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DE DAMARIS EM *A CACHORRA*, DE PILAR QUINTANA

RESUMO

O presente artigo analisa o romance *A Cachorra* (2017), da escritora colombiana Pilar Quintana, com foco na construção da subjetividade da protagonista Damaris a partir do conceito de trauma. O objetivo central é investigar de que modo o trauma opera como estrutura constitutiva do sujeito feminino representado na narrativa, não como elemento episódico, mas como fundamento da sua forma de sentir, agir e se vincular ao mundo. A análise articula três eixos teóricos complementares: a psicanálise freudiana e winnicottiana, com ênfase nos conceitos de trauma, compressão à repetição, repressão e melancolia; o antimaternalismo de Vera Iaconelli (2023), que permite compreender a violência simbólica exercida sobre Damaris pela imposição social da maternidade como destino feminino obrigatório; e a crítica literária feminista de Elaine Showalter (1994) articulada ao conceito de entre-lugar de Silviano Santiago (2002), que situam o romance no interior de uma tradição literária que fala da margem para desestabilizar discursos hegemônicos. A análise demonstra que o comportamento de Damaris — incluindo seu vínculo ambivalente com a cachorra Chirli e o ato de violência que encerra a narrativa — é resposta coerente a um conjunto de experiências traumáticas não elaboradas, cuja estrutura se repete e se intensifica ao longo da obra. O trabalho se insere no campo dos estudos literários de orientação qualitativa, com abordagem analítico-interpretativa.

Palavras-chave: Trauma. Subjetividade feminina. Antimaternalismo. Literatura latino-americana. Psicanálise.

TRAUMA AS A NARRATIVE STRUCTURE: THE CONSTRUCTION OF DAMARIS'S SUBJECTIVITY IN *A CACHORRA*, BY PILAR QUINTANA

ABSTRACT

This article analyzes *A Cachorra* (2017), by the Colombian writer Pilar Quintana, focusing on the construction of the protagonist Damaris's subjectivity through the concept of trauma. Its primary objective is to investigate how trauma functions as a constitutive structure of the female subject represented in the narrative, not as an episodic event but as the foundation of her ways of feeling, acting, and relating to the world. The analysis is grounded in three complementary theoretical frameworks: Freudian and Winnicottian psychoanalysis, with emphasis on the concepts of trauma, repetition compulsion, repression, and melancholia; Vera Iaconelli's (2023) anti-maternalism, which makes it possible to understand the symbolic violence inflicted upon Damaris through the social imposition of motherhood as the mandatory destiny of women; and Elaine Showalter's (1994) feminist literary criticism, articulated with Silviano Santiago's (2002) concept of the *in-between space* (*entre-lugar*), which situates the novel within a literary tradition that speaks from the margins in order to destabilize hegemonic discourses. The analysis demonstrates that Damaris's behavior—including her ambivalent bond with the dog Chirli and the act of violence that concludes the narrative—constitutes a coherent response to a set of unresolved traumatic experiences whose structure is repeated and intensified throughout the novel. This study is situated within the field of qualitative literary studies and adopts an analytical-interpretative approach.

Keywords: Trauma. Female subjectivity. Anti-maternalism. Latin American literature. Psychoanalysis.

Este artigo passou por avaliação por pares cega e *software* antiplágio.



LICENÇA ATRIBUIÇÃO NÃO
COMERCIAL 4.0 INTERNACIONAL
CREATIVE COMMONS – CC BY-NC

INTRODUÇÃO

O romance *A Cachorra* (2017), da escritora colombiana Pilar Quintana, situa no centro de sua narrativa uma mulher negra, pobre e infértil que vive isolada entre o mar e a selva do litoral pacífico colombiano. Damaris, essa é a protagonista da obra, carrega ao longo de toda a narrativa o peso de traumas acumulados, experiências de perda, abandono e culpa que remontam à infância e se ramificam pela vida adulta, estruturando silenciosamente sua forma de sentir, agir e se vincular ao mundo. Nesse sentido, a presente análise tem como objetivo central investigar de que modo o trauma opera na construção da subjetividade de Damaris, funcionando não como elemento episódico, mas como fundamento constitutivo do sujeito que o romance nos apresenta, tornando elemento essencial dos pilares narrativos.

A escolha desse recorte analítico, o trauma como estrutura, distingue este trabalho de outras leituras já realizadas sobre o romance de Pilar Quintana, que tendem a privilegiar, em sua maioria, os eixos da animalização e da violência de gênero como chave interpretativa central. Sem negar a relevância dessas perspectivas, que aqui também comparecem como linhas auxiliares, propomos avançar em direção à dimensão psíquica do sujeito feminino representado: buscando compreender, portanto, como o aparato teórico do trauma, formulado por Sigmund Freud e expandido por D. W. Winnicott, permite iluminar a trajetória de Damaris não como desvio ou fracasso individual, mas como resposta coerente, ainda que dolorosa, a um conjunto de experiências que excederam sua capacidade de elaboração.

A análise se organiza em diálogo com três eixos teóricos complementares. O primeiro, baseado na psicanálise freudiana e winnicottiana, oferece os instrumentos conceituais para pensar o trauma, a compulsão à repetição, à melancolia e ao mecanismo da repressão. O segundo, constituído pela teoria do antimaternalismo de Vera Iaconelli (2023), permite compreender a violência simbólica que recai sobre Damaris a partir da imposição social da maternidade como destino feminino obrigatório. O terceiro, situado na crítica literária feminista especialmente em Elaine Showalter (1994), e no conceito de entre-lugar de Silviano Santiago (2002), localiza o romance no interior de uma tradição de escrita que fala da margem para desestabilizar os discursos hegemônicos, e que elege como protagonista uma voz historicamente silenciada.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se insere no campo dos estudos literários de orientação qualitativa, com abordagem analítico-interpretativa baseada na leitura do romance e no diálogo com o referencial teórico selecionado. Não se trata, portanto, de aplicar uma grade externa ao texto literário, mas de escutar o que a própria narrativa organiza, os recursos de linguagem, as estruturas simbólicas, os

silêncios, a partir de categorias que lhe são contemporâneas e que ela, de algum modo, convoca.

A hipótese central que orienta esta investigação é a de que o comportamento de Damaris ao longo do romance, incluindo seu vínculo ambivalente com a cachorra Chirli, sua progressiva incapacidade de manter vínculos afetivos estáveis e, finalmente, o ato de violência extrema que encerra a narrativa, não pode ser compreendido à revelia de sua história traumática. O trauma, em *A Cachorra*, é uma estrutura que se repete, desdobra e intensifica, moldando um sujeito cuja existência inteira é habitada por perdas que nunca foram elaboradas.

A MARGEM COMO LUGAR DE FALA: ENTRE-LUGAR, CRÍTICA FEMINISTA E A VOZ DE PILAR QUINTANA

Antes de adentrar a subjetividade de Damaris, é necessário situar o lugar de onde Pilar Quintana fala e o lugar literário que *A Cachorra* ocupa. Publicado originalmente em espanhol como *La perra* (2017), o romance foi vencedor do Prêmio Biblioteca de Narrativa Colombiana e projetou a autora caleña ao cenário internacional da ficção latino-americana. Mas o que interessa aqui não é apenas o reconhecimento institucional, mas a natureza do gesto narrativo que Quintana realiza ao eleger como centro de sua ficção uma mulher negra, trabalhadora doméstica, infértil, localizada na periferia absoluta de todos os circuitos de poder.

O conceito de entre-lugar, formulado por Silviano Santiago em ensaio seminal de 1978, define o espaço paradoxal ocupado pela produção cultural latino-americana: nem dentro nem fora dos cânones hegemônicos europeus, mas em uma zona de tensão, negociação e reescrita permanente. Para Santiago, a literatura latino-americana se constrói justamente nesse intervalo:

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebeldia, entre a assimilação e a expressão — ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana (Santiago, 2002, p. 26).

Damaris habita esse entre-lugar de forma literal e figurada. Geograficamente, ela vive em uma região de fronteira, entre o mar e a selva, entre o rochedo e o povoado, entre a casa dos ricos que cuida e o casebre onde dorme. Simbolicamente, ela ocupa a zona de tensão entre a mulher que a sociedade espera que seja (mãe, esposa, cuidadora, dócil) e aquela que, imposta pelas circunstâncias, ela de fato é. Igualmente, Pilar Quintana situa sua protagonista nesse espaço ambíguo e escreve a partir dele,

desestabilizando as representações canônicas do sujeito feminino na ficção latino-americana.

A crítica literária feminista, conforme formulada por Elaine Showalter, oferece um segundo ângulo de entrada nessa problemática. Para Showalter, a ginocrítica, que é a modalidade de crítica voltada para a especificidade da escrita e da representação femininas, deve interrogar "a história, os estilos, os temas, os gêneros e as estruturas da literatura de mulheres; a psicodinâmica da criatividade feminina; a trajetória da carreira literária individual ou coletiva; e a evolução e as leis de uma tradição literária de mulheres" (Showalter, 1994, p. 29). Lida sob esse prisma, *A Cachorra* não é apenas um romance que tem uma mulher como protagonista: é um texto que produz uma intervenção no campo das representações do feminino, subvertendo os estereótipos de gênero e recusando as narrativas de redenção ou purificação que frequentemente enquadram as personagens femininas na ficção hegemônica.

Damaris não redime, não cresce, não supera. Ela afoga, aperta, mata. E o romance a apresenta com uma implacável fidelidade ao que ela é, um sujeito produzido por condições históricas, sociais e psíquicas que a excedem e que ela não escolheu. Esse é o gesto literário mais radicalmente feminista do romance: tratar uma mulher negra, pobre e traumatizada com a mesma complexidade psíquica que a tradição canônica reserva aos seus heróis masculinos.

O IMPERATIVO DA MATERNIDADE E O ANTIMATERNALISMO: CONTEXTO SIMBÓLICO DO SOFRIMENTO DE DAMARIS

Para compreender o trauma de Damaris em sua plenitude, é necessário compreender o campo simbólico no interior do qual ele se manifesta, que seria o campo da maternidade compulsória. Vera Iaconelli, psicanalista e pesquisadora brasileira, desenvolve em *Manifesto Antimaternalista* (2023) uma análise fundamental para pensar a experiência da protagonista. Para Iaconelli:

Maternidade é um termo curioso pela multiplicidade de sentidos que conjuga e pelos paradoxos que cria. Pode significar a relação de parentesco com os filhos, mas também o hospital onde se costuma parir. "Mãe" é um significante que contempla a mulher que deu à luz, a mulher responsável pelo filho sem tê-lo parido, a mulher que é responsável legalmente, mas que não se ocupa do filho (Iaconelli, 2023, p. 16).

Essa multiplicidade, longe de ser um dado neutro, aponta para a violência simbólica que o significante "mãe" carrega: ele designa simultaneamente o papel social, o vínculo afetivo, a função biológica e o dever moral, condensando numa única palavra

um conjunto de exigências frequentemente contraditórias que recaem sobre as mulheres de forma desigual. O antimaternalismo proposto por Iaconelli não é, nem de perto, uma rejeição da maternidade como experiência, ao contrário, é justamente uma crítica à sua naturalização como destino universal e à compulsão que ela exerce sobre os sujeitos femininos em contextos patriarcais.

Damaris não sofre por não ser mãe apenas no sentido pessoal e íntimo do termo. Ela sofre porque um mundo inteiro, sua prima Luzmila, seu marido Rogelio, as mulheres do povoado, a define pelo que lhe falta. A pergunta que a comunidade repete desde os primeiros anos do casamento — "Os bebês vêm quando?" ou "Por que que estão demorando tanto?" (Quintana, 2020, p. 16), tal vigilância social que transforma a ausência de filhos em desvio e a infertilidade em vergonha.

Como demonstrou Elisabeth Badinter (1985), o amor materno não é instinto natural, mas construção histórica e cultural. O que Damaris experimenta, portanto, é o produto de um sistema que define o valor da mulher pela sua capacidade reprodutiva e condena, silenciosamente, aquela que não cumpre esse imperativo. A dor de Damaris é fabricada socialmente, e ela a carrega como se fosse exclusivamente sua. O fato de que o romance inscreve o antimaternalismo também no espaço animal, a cachorra Chirli revelará ser uma mãe que abandona e devora os próprios filhotes, mostra que Quintana recusa a idealização da maternidade em todos os registros, humano e não humano, demonstrando que o "instinto materno" é uma projeção cultural, não um dado da natureza.

DAMARIS E O PESO DO PASSADO: FUNDAMENTOS PSICANALÍTICOS DO TRAUMA

A psicanálise freudiana oferece os instrumentos mais precisos para pensar a trajetória de Damaris. Em sua formulação clássica, o trauma é concebido como uma experiência cujo afluxo de excitações ultrapassa a capacidade de elaboração do aparelho psíquico. Em síntese apresentada por Fulgencio (2004), Freud o define como:

[...] uma experiência vivida que leva à vida da alma, num curto espaço de tempo, um acréscimo de estímulos tão grande que sua liquidação ou elaboração, pelos meios normais e habituais, fracassa, o que não pode deixar de acarretar perturbações duradouras no funcionamento energético (Freud, 1916-17 *apud* Fulgencio, 2004).

O traço central dessa concepção é que o passado traumático não se dissolve com o tempo: ele persiste como reminiscência ativa, manifestando-se em sintomas, afetos e comportamentos que o sujeito frequentemente não consegue atribuir a nenhuma causa

presente. Em *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895), Breuer e Freud já formulavam que os sintomas histéricos se baseiam em cenas do passado "que causaram grande impressão, mas que permaneceram esquecidas" (Freud; Breuer, 1974). A memória traumática não segue a lógica do esquecimento ordinário; ela se conserva com toda a carga afetiva original, pronta a ser reativada por qualquer elemento que com ela ressoe.

Winnicott (*apud* Fulgencio, 2004) expande essa noção ao conceber o trauma como "um fracasso relativo à dependência", que seria uma ruptura na continuidade de ser provocada por falhas do ambiente que deveriam sustentar o desenvolvimento subjetivo. Diferentemente de Freud, que enfatiza a dimensão econômica e pulsional do trauma, Winnicott o pensa a partir das relações inter-humanas: o trauma ocorre quando o ambiente (família, cuidadores, comunidade) falha em oferecer a confiabilidade necessária ao processo de amadurecimento. Essa perspectiva é especialmente produtiva para a leitura de Damaris, pois sua história é marcada, precisamente, por falhas ambientais sucessivas que interrompem repetidamente o que Winnicott denomina de "continuidade de ser".

Outro conceito freudiano fundamental para esta leitura é o de compulsão à repetição, formulado em *Além do Princípio de Prazer* (1920). Ali, Freud constata que pacientes traumatizados tendem a reproduzir, em sonhos e em atos, as situações que lhes causaram sofrimento, porque o aparelho psíquico, ao não conseguir elaborar o evento traumático, é compelido a repeti-lo na busca de uma elaboração que nunca se completa. O número trinta e três, recorrente em *A Cachorra*, corresponde aos dias de chicotadas recebidos na infância; aos dias em que Chirli desaparece na mata; aos dias em que o corpo de Nicolasito tardou para aparecer. Esse aspecto opera no romance exatamente como essa repetição compulsiva que o inconsciente da protagonista não consegue superar.

A GÊNESE DO SUJEITO TRAUMATIZADO: PERDAS FUNDANTES NA TRAJETÓRIA DE DAMARIS

Para compreender quem Damaris é no presente da narrativa, é preciso retornar ao passado que a formou. O romance revela, de maneira fragmentada e progressiva, que a protagonista cresceu sob o signo da perda e da precariedade. Sua história começa com a ausência paterna: o pai, um soldado, abandonou sua mãe quando estava grávida, e ela teve que ir trabalhar em Buenaventura para sustentar a filha (Quintana, 2020, p. 25). A esse primeiro abandono se soma, aos quinze anos de Damaris, a morte da mãe: "Uma bala perdida atingiu o peito da mãe de Damaris. No posto de saúde do povoado não puderam fazer nada por ela [...] ela já chegou morta ao hospital"

(Quintana, 2020, p. 29). Daqui, já se observa o incipiente surgimento do trauma na vida da protagonista.

Esse encadeamento de perdas primárias, outrossim, constitui o substrato sobre o qual se assentará toda a subjetividade posterior de Damaris. Mas é a morte de Nicolasito, o amigo de infância branco e abastado, tragado pelo mar durante uma brincadeira, o evento que opera como trauma fundante, no sentido freudiano mais rigoroso do termo. A narrativa descreve com exatidão o estado psíquico da protagonista imediatamente após o acontecimento:

Damaris teve que voltar sozinha por uma selva que lhe pareceu mais fechada e escura do que nunca. Acima, as copas das árvores se juntavam e, embaixo, as raízes se cruzavam. Seus pés se enterravam no tapete de folhas mortas do solo e desapareciam no barro, e ela começou a sentir que a respiração que escutava não era a sua, e sim a da selva, e que era ela — e não Nicolasito — que estava se afogando em um mar verde repleto de formigas e plantas (Quintana, 2020, p. 26-27).

A fusão entre o corpo de Damaris e o ambiente da selva (nota-se que ela que se afoga, não Nicolasito) é o registro literário preciso de uma ruptura psíquica. Freud distingue, em *Além do Princípio de Prazer* (1920), três estados relacionados ao perigo: a ansiedade (preparação para um perigo esperado); o medo (que exige um objeto definido) e o susto; "o estado em que alguém fica quando entrou em perigo sem estar preparado para ele". É o susto, caracterizado pela falta de preparo e pela ausência de mecanismos defensivos ativados, que atinge Damaris. Sem proteção psíquica, o evento inunda o aparelho mental sem encontrar resistência, e ali se instala como algo que não pode ser elaborado nem descartado.

A segunda camada traumática, contudo, não é a morte de Nicolasito em si: é a resposta do entorno. Damaris foi responsabilizada pela tragédia e chicoteada pelo tio Eliécer por trinta e três dias consecutivos, um castigo progressivo que crescia à medida que o corpo do menino não era encontrado. Esse castigo configura o que Winnicott (*apud* Fulgencio, 2004) conceitua como falha ambiental grave: o ambiente que deveria sustentar o desenvolvimento do sujeito não apenas falha em acolhê-lo no momento da dor, como o pune por ela. Essa dupla violência, o evento e a reação do entorno, interrompe a "continuidade de ser" de Damaris e deposita em sua subjetividade um núcleo de culpa crônica, tendência à autopunição e dificuldade de sustentar vínculos afetivos sem que sejam atravessados por essa ferida originária.

É significativo que esse trauma se inscreva não apenas psiquicamente, mas também no espaço físico da vida adulta de Damaris. Na maturidade, ela habita e cuida precisamente da casa da família Reyes, a casa de Nicolasito. O passado traumático

literalmente a habita. Quando precisa telefonar ao pai do menino morto para comunicar a morte do caseiro da propriedade, o romance revela com precisão como a memória traumática opera:

Entrou na cabine, discou os números [...]. Damaris achou que do outro lado daqueles ruídos estava uma parte muito feia de seu passado [...]. Seu Luis Alfredo escutou o nome e se fez um silêncio terrível, que ela recebeu resignada, como havia recebido resignada as chicotadas do tio em todas aquelas tardes, por trinta e três dias. Para os Reyes ela era uma ave negra, um sinal de mau agouro (Quintana, 2020, p. 31-32).

A comparação espontânea que Damaris estabelece, o silêncio do patrão equivale às chicotadas do tio, é a mais clara demonstração de como o passado traumático opera no presente: o que deveria ser uma simples ligação telefônica reativa décadas de culpa, subordinação e humilhação. Essa é precisamente a lógica do que Freud e Breuer (1974) descreveram como reminiscência: a memória traumática não se desgasta como as demais recordações, mas persiste com toda a sua carga afetiva original.

CHIRLI E O ESPELHO IMPOSSÍVEL: PROJEÇÃO, DECEPÇÃO E COMPULSÃO À REPETIÇÃO

É nesse contexto de vazio afetivo, infertilidade compulsoriamente significadora como falha e solidão relacional, que Damaris adota a filhote de cachorra órfã. O gesto fundador da projeção é a nomeação: ela lhe dá o nome Chirli, o mesmo que reservava para a filha que nunca pôde ter. Nomear, nesse sentido, é inscrever a cachorra no campo do desejo materno frustrado. Chirli não é apenas um animal: ela é o objeto sobre o qual Damaris transfere um amor que não encontrou destinatário.

Em um primeiro momento, esse amor é genuíno e merece ser reconhecido como tal. Damaris carrega a filhote no sutiã para mantê-la aquecida; acorda de madrugada para atravessar a angra a remo e comprar leite; vigia sua segurança com uma intensidade que excede o cuidado com um animal de estimação; revela o quanto aquele vínculo preenche um vazio que nada mais preencheu. Quando Chirli desaparece pela primeira vez na mata, a reação de Damaris ultrapassa a preocupação ordinária: ela entra na selva à noite, sem medo, com facão e lanterna, movida por um único pensamento, "a cachorra estava em perigo e ela precisava salvá-la" (Quintana, 2020, p. 46). A ausência da cachorra desperta o mesmo sentimento de abandono que marcou a vida inteira de Damaris, reativando o trauma originário com toda a sua carga afetiva.

Os sonhos que Damaris tem durante o desaparecimento de Chirli revelam essa fusão entre o presente e o passado traumático. Ela sonha que a selva invade o casebre, que a cobre de lama, que ela se transforma em "tronco, em musgo, em barro, tudo ao mesmo tempo", e só então encontra a cachorra, que a lambe para dizer oi (Quintana, 2020, p. 46). Esse sonho repete, em linguagem onírica, a experiência da selva após a morte de Nicolasito: a dissolução do corpo, a fusão com o ambiente hostil, a perda das fronteiras do eu. Para Freud (1976), os sonhos traumáticos têm a característica de "repetidamente trazer o paciente de volta à situação em que o trauma ocorreu", revelando uma função do aparelho mental independente do princípio de prazer e mais primitiva do que ele. Damaris não sonha apenas com Chirli, ela sonha com todos os abandonos que não conseguiu elaborar.

O número trinta e três, já mencionado, retorna para confirmar essa lógica de repetição compulsiva. Chirli desaparece por exatamente trinta e três dias, os mesmos dias de chicotadas recebidos da infância, o mesmo tempo que o corpo de Nicolasito ficou sumido. O romance opera, nessa contagem, o mecanismo que Freud denominou de compulsão à repetição: os mesmos números, os mesmos abandonos, o mesmo ciclo, porque nada foi elaborado. A ressalva que o próprio texto faz é significativa: "Tinham se passado trinta e três dias, doze a mais do que seu Gene havia ficado sumido e só um a menos do que Nicolasito" (Quintana, 2020, p. 57). Não entendemos a contagem dos dias como mero detalhe narrativo, mas justamente a maneira como o inconsciente de Damaris é inscrito na estrutura temporal do romance.

A gravidez de Chirli é o ponto de virada mais agudo da relação. Anunciada pelo próprio marido, Rogelio, a quem Damaris nunca pôde dar filhos, ela converte a cachorra em espelho irresistível da incapacidade que mais envergonha a protagonista. "Para Damaris foi como um soco no estômago: sentiu que estava ficando sem ar" (Quintana, 2020, p. 65). A cachorra realiza biologicamente aquilo que Damaris não consegue. E a maternidade de Chirli, longe de ser apresentada como redenção, é descrita como fracasso, pois ela abandona os filhotes, devora um deles, recusa a mamar. O romance desmonta, assim, o mito do instinto materno tanto na protagonista humana quanto no animal, confirmando o que Badinter (1985) e Iaconelli (2023) formularam teoricamente: a maternidade não é natureza, é construção, e pode ser tão violenta quanto qualquer outra imposição social.

O AMOR QUE APRISIONA E O ÓDIO QUE MATA: O DESFECHO E SEUS DESDOBRAMENTOS SIMBÓLICOS

A transformação do amor em ódio é um dos processos mais cuidadosamente construídos do romance. Ela não ocorre de forma abrupta, mas em camadas sucessivas

de decepção, abandono e acúmulo afetivo não elaborado. À medida que Chirli vai frustrando as expectativas projetadas sobre ela, fugindo, indiferente, mas estando que grávida, Damaris vai deslocando para a cachorra a raiva que não consegue dirigir às suas causas reais, a infertilidade, o abandono, o casamento sem afeto, a exploração do trabalho doméstico, a culpa originária.

Freud demonstra, em seu texto sobre a repressão (1974), que o mecanismo pelo qual um impulso instintual é expulso da consciência não o elimina, mas ele força o afeto a encontrar vias indiretas de expressão, que frequentemente assumem a forma de desprazer ou de deslocamento para outros objetos. O ódio de Damaris por Chirli é, portanto, o retorno de algo que não pôde ser dito em sua forma original. A raiva que ela sente pela sua condição, difusa, intocável, sem alvo definido, encontra na cachorra um objeto concreto sobre o qual se exercer. O mecanismo é o mesmo que Freud descreveu em *Luto e Melancolia* (1917): quando a libido se retira de um objeto perdido sem encontrar outro para se ligar, ela retorna ao ego pela via da identificação, e o sujeito passa a tratar a si mesmo e os objetos que o espelham com a hostilidade que não pôde ser dirigida à perda original.

A melancolia que domina o final do romance tem exatamente a textura que Freud descreveu: "um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento" (Freud, 1974, p. 244). Essa configuração se manifesta com nitidez quando os traumas da infância retornam, no momento de colapso emocional que precede o desfecho:

Damaris voltou a sentir o peso da culpa como se o tempo não tivesse passado. O sofrimento dos Reyes, as chicotadas de seu tio, os olhares das pessoas que sabiam que ela, por conhecer o rochedo e seus perigos, poderia ter evitado a tragédia [...]. Também pensou que era merecedora de todos os olhares feios das pessoas, de todas as suspeitas e acusações e todas as chicotadas do tio Eliécer, que ele devia ter batido nela mais vezes e com maior fúria. (Quintana, 2020, p. 88-89).

A convicção de que merece mais punição do que recebeu é o traço mais característico da melancolia freudiana, e o que a distingue do luto comum. No luto, a perda é de um objeto externo; na melancolia, a agressividade que o sujeito sentia pelo objeto perdido é voltada contra o próprio ego. Damaris não elaborou nenhuma de suas perdas, a mãe, a maternidade, a filha imaginada, a cachorra, e por isso as voltas contra si mesma na forma de culpa e de desejo de autopunição.

É nesse estado de colapso que ocorre o desfecho. Damaris enforca Chirli com um nó corrediço, mesmo instrumento que, em cena anterior, havia quase matado a cachorra por acidente, e que Rogelio precisou cortar para salvá-la. O romance fecha, com esse gesto, um arco simbólico preciso: o que era contenção (prender para não perder) converte-se em destruição (apertar até matar). O amor que aprisiona e o ódio que mata são, em *A Cachorra*, duas faces da mesma incapacidade, forjada pelos traumas não elaborados de uma vida inteira de se relacionar com o outro sem absorvê-lo ou destruí-lo.

O detalhe da satisfação que se segue à morte de Chirli – como expresso no seguinte trecho: "com horror, mas também com uma espécie de satisfação, que era melhor não reconhecer e enterrar debaixo das outras emoções" (Quintana, 2020, p. 92) – é a mais honesta e perturbadora revelação do romance. A violência não é apenas ódio: há também alívio. A descarga de afeto reprimido produz, momentaneamente, uma liberação que a protagonista não consegue reconhecer nem nomear. Para Crettiez (2011, p. 15), a violência pode ter como finalidade "sua expressão, satisfazendo certa cólera, ódio, um sentimento negativo". A morte de Chirli é a passagem ao ato de uma dor que não encontrou elaboração, acúmulo de traumas, de frustrações, de violências difusas que convergem num único gesto destrutivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste artigo buscou demonstrar que o comportamento de Damaris em *A Cachorra* incluindo seu vínculo ambivalente com Chirli, sua progressiva incapacidade de manter laços afetivos e o ato de violência que encerra a narrativa não pode ser compreendido à revelia de sua história traumática. O trauma, nesse romance, é a estrutura que atravessa a constituição do sujeito, moldando sua forma de perceber, sentir e agir no mundo.

A hipótese central deste texto foi confirmada: as ferramentas teóricas da psicanálise freudiana o trauma como excitação não elaborada, a compulsão à repetição, a repressão e a melancolia combinadas à perspectiva winnicottiana do trauma como falha ambiental, oferecem os instrumentos mais precisos para iluminar a trajetória de Damaris. O que a leitura do romance a partir desses instrumentos permite revelar é que sua protagonista não é uma mulher que "enlouqueceu" ou "cedeu ao ódio" por um motivo pontual. Ela é uma mulher cujo aparato psíquico foi sistematicamente sobrecarregado pela morte da mãe, pela responsabilização pela morte de Nicolasito, pelos anos de infertilidade significada como falha, pelo casamento sem afeto, pelo trabalho invisibilizado e que, ao não encontrar condições para elaborar

nenhuma dessas experiências, reproduz o traumático em ato, no único objeto que restava: a cachorra que espelhava o que ela mais desejou e nunca pôde ter.

A articulação desse eixo analítico com o antimaternalismo de Iaconelli (2023) permitiu compreender que o sofrimento de Damaris é produzido por um sistema que define o valor da mulher pela sua capacidade reprodutiva e que pune, simbolicamente, aquela que não cumpre esse imperativo. O trauma de Damaris é psíquico e social ao mesmo tempo indissociáveis as duas dimensões, que se alimentam mutuamente.

A leitura a partir de Silviano Santiago (2002) e da crítica feminista de Showalter (1994) permitiu, por fim, situar o romance no interior de uma tradição literária que fala da margem para desestabilizar os discursos hegemônicos. Pilar Quintana escreve *a partir* desse lugar, recusando as narrativas de redenção e expondo, com implacável fidelidade, o que acontece quando um sujeito não encontra as condições mínimas para existir.

A estrutura circular do romance *uma cachorra-mãe envenenada* na abertura, a cachorra-filha enforcada no fechamento evidencia que a violência não é episódica, mas estrutural ela se reproduz nos corpos das fêmeas, de geração em geração, sem que nenhuma delas encontre saída. *A Cachorra* é, assim, um romance sobre o que o trauma faz quando não é elaborado, ele retorna, se repete, e finalmente se consuma, como consequência. E é nessa distinção que reside a dimensão mais crítica, e mais necessária, da obra de Pilar Quintana.

REFERÊNCIAS

ALÓS, Anselmo Peres; ANDRETA, Bárbara Loureiro. Crítica literária feminista: revisitando as origens. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 49, p. 15-31, jan./jun. 2017.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CRETTEZ, Xavier. **As formas da violência**. Tradução de Clóvis Marques. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. **Estudos sobre a histeria**. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 2.

FREUD, Sigmund. **Repressão**. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. In: FREUD, Sigmund.. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. In: FREUD, Sigmund.. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 18.

FULGENCIO, Leopoldo. **A noção de trauma em Freud e Winnicott**. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 6, n. 2, dez. 2004. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302004000200003&script=sci_arttext. Acesso em: mar. 2025.

IACONELLI, Vera. **Manifesto antimaternalista: por uma psicanálise da não-maternidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

QUINTANA, Pilar. **A cachorra**. Tradução de Livia Deorsola. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 19-36.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23-57.